



Eu gosto desta, porque tem uma menina com neve na cabeça

Eduarda Coquet

Tenho na minha frente a Joana, a Inês, o André, o Lourenço, a Margarida, o Francisco, a Maria e outros tantos que vieram conversar comigo. Estamos à volta de uma mesa com os livros abertos, espalhados. Por entre capas duras e moles aparecem meninas, pássaros, castelos, peixes, casas e flores. As crianças apontam as ilustrações, chamam a atenção para os vários elementos que as compõem – *gosto deste, que tem tantas flores* -, por vezes falam ao mesmo tempo – *gosto desta menina, que tem calças roxas, eu também gosto de calças roxas* -, falam mais alto, puxam-me pela manga – *gosto deste, porque tem um castelo* -, chamam o meu nome para que eu lhes dê atenção – *olha, olha, gosto deste, porque tem muitas casas, tem 7 casas* - e quase todos querem dar a sua opinião – *não gosto deste, parece velho, só tem castanho; e eu não gosto deste porque tem muito preto e é muito escuro; não gosto deste porque tem cobras; e olha este! Tem um dragão, não gosto de dragões.*

Alguns mais tímidos esperam as minhas perguntas e então com voz mais baixa vão dizendo do que gostam ou do que não gostam. *Gosto deste, porque tem peixes; não gosto deste, porque tem um sábio; gosto deste, porque tem uma mãe e um filho; não gosto deste, porque tem coisas erradas*, diz o Tiago. Erradas, como? - pergunto eu. *Aqui* - e a criança aponta uma ilustração de *António e o Príncipezinho* (fig.1) -, *tem senhores a comer e tem senhores a dormir e não se deve comer nos sítios onde se dorme. Também não gosto deste porque tem coisas erradas*, diz então a Maria, em voz bem baixinha, ao meu lado. Tem? - Pergunto eu, olhando espantada para uma ilustração dos *Contos Amarantinos*, em que se vê uma mulher e duas meninas sobrepostas a um fundo quadrado, onde predomina o vermelho escuro, contornado por uma faixa cor de salmão claro. *É isto aqui* – e a Maria não pára de passar a mão num canto da ilustração, pelo fundo do desenho, não se detendo minimamente nas figuras. Isto, o quê? - questiono mais uma vez sem entender. *É as cores, estão erradas, esta aqui e esta aqui.* De repente, entendo. O conceito estético que estava a formar-se nesta criança não permitia uma cor de salmão claro ao pé de um vermelho cor de tijolo...



Figura 1. António e o Príncipezinho, p.27

Estou num colégio particular da cidade do Porto. Em cima da mesa, os livros abertos e espalhados são de vários autores, uns recentes outros já com 15 e 20 anos. Só têm em comum terem sido, todos eles, ilustrados por Manuela Bacelar. As crianças que se encontram à minha volta têm entre 5 e 6 anos, ainda ninguém sabe ler, as intrigas aqui não são reconhecidas, apenas as personagens e os locais, pelas ilustrações dos livros. Não são crianças que representem a maioria das crianças portuguesas, são crianças de um meio sócio-cultural privilegiado, habituadas a ter em casa livros, a lidar no colégio com livros e a trabalhar sobre autores, sobre imagens, sobre literatura e sobre artes plásticas.

Falar sobre o trabalho de ilustração de Manuela Bacelar é fácil. Pegar no trabalho de uma artista plástica com uma obra, publicada, tão extensa, não é complicado agrupar, analisar, salientar, comentar e repescar parecenças ou reminiscências nos clássicos ou nos contemporâneos, encaixando o seu trabalho em escolas, linhas ou critérios que tenham um nome reconhecível pelo público. O desafio é saber, mais do que o valor plástico ou estético da sua obra, a sua capacidade de comunicação e o valor emocional e afectivo que desperta nos seus públicos. Essa é a grande diferença de quem trabalha para crianças - não tem um público alvo, tem três: a) os adultos cultural e esteticamente frágeis; b) os adultos culturalmente bem informados; e, por fim, c) as crianças. E a ordem é mesmo esta, as crianças estão no fim da cadeia, as crianças são receptoras em segunda mão, só recebem o que os adultos, de uma ou de outra classe, lhes fazem chegar.

Manuela Bacelar é uma artista bastante fiel a si própria, como qualquer artista plástico com um trabalho tão vasto e de quem se espera coerência. É uma artista de hábitos, é uma artista fiel às técnicas e receitas que experimentou e de que gostou. Gostou ela e gostaram os públicos adultos (ou um, ou outro). Explora sempre mais as técnicas e as texturas visuais do que as soluções criativas. Não é uma ilustradora de desafios ou de experimentações arrojadas. E sabe, acima de tudo - porque se assim não fosse já teria transparecido na sua tão larga obra -, que é assim que vai continuar a ser, porque só assim mantém o seu público cativo.

Na década de 70 e início de 80, com as editoras muito limitadas pelas circunstâncias económicas de então, encontramos algumas ilustrações a preto e branco. Figuras idênticas, traços idênticos, só uma característica separa a maioria dessas ilustrações das coloridas: quase não têm cenários, as figuras contracenam entre si (fig. 2), por vezes com um apontamento de linha de terra (fig. 3), mas sem um ambiente que as envolva.

Mas esta ilustradora é uma amante da cor. Na grande maioria do seu trabalho, confina as cores a um contorno, que pode ser colorido ou preto (fig. 4 e 5); mete cores dentro das casas, das flores, dos animais e das pessoas. O cenário é um amontoado mais ou menos ordenado de “coisas”, coisas identificáveis, coisas reconhecidas, coisas

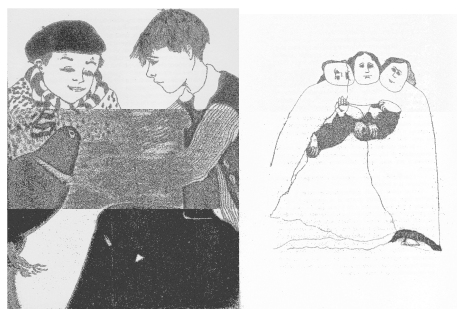


Figura 2. História com grilo dentro, p. 15

Figura 3. Histórias Inesquecíveis para crianças, p. 14

necessárias à construção do cenário, por isso é que é cenário. As personagens vivem ali e é ali que se desenrola a sua história.

A partir de uma certa altura do seu percurso, começa a dividir as suas representações. Não abandonando nunca o recurso aos contornos e ao desenho colorido, e, nesta técnica, utilizando cada vez mais as cores fortes, começa, no entanto, a alternar alguns trabalhos com uma libertação das formas e então, pega nas cores, regra geral cores terrosas ou marinhas e mistura-as, embrulha-as, dissolve-as umas nas outras e assim constrói sítios, locais, ambientes, já não cenários. As figuras vagueiam naqueles sítios, escondem-se – porque ficam muitas vezes camufladas na semelhança da cor -, perdem muitas vezes a gravidade e pairam (fig. 6).

Manuela Bacelar tem um livro muito especial. Um livro que mereceu um prémio internacional, *Silka*, editado em 1989. Alguns anos antes, Manuela Bacelar tinha já ilustrado uma 1ª edição desta obra de Ilse Losa (1984). Esse primeiro livro tem ilustrações muito belas, de uma extrema sensibilidade cromática, algumas, com um tímido desenho e um traço de pincel leve e de uma frescura invejável, sem cenários, só personagens (fig. 7); outras, passando já para a fase dos ambientes, mostram-nos só apontamentos de figuras, onde a aguada envolve as personagens e o ambiente é o próprio cenário (fig.8). Na segunda ilustração que fez de *Silka*, Manuela Bacelar fez a sua grande experimentação da fuga ao desenho colorido. Aqui as figuras, mais ou menos modeladas, deixaram de ser de todo contornadas e, embora não tendo também cenários, aparecem mais envolvidas nos ambientes criados pelos tons terrosos que tanto explora (fig. 9).



Figura 4. História da Égua Branca, p. 8/9, fragmento

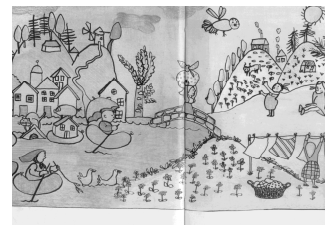


Figura 5. O menino chamado Menino, p.50/51, fragmento

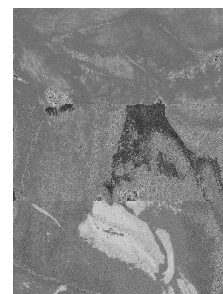


Figura 6. A Sereiazinha, p. 56/57, fragmento



Figura 7. Silka (1984), p. 13

Figura 8. Silka (1984), p. 21



Figura 9. Silka (1989)

Quem lhe atribuiu o prémio foi o seu público do tipo b) - adulto culturalmente informado. Voltando à questão, que eu acho fundamental. O que diz o público tipo c) - as crianças?

Na minha conversa com o grupo de crianças, a grande maioria gostou mais da 1ª versão. Quais as razões? - *porque tem um peixe*, logo na 1ª ilustração; *porque tem um senhor de óculos e uma senhora de blusa azul* – e aqui lembro que estávamos no Porto -, *porque a menina tem flores na mão*, na 3ª ilustração; e por aí adiante. Mas houve quem gostasse da 2ª versão, *porque a menina tem uma calças roxas e neve na cabeça*, logo na capa e também *porque a menina tem uma brincos de cereja*, na 2ª ilustração. Ninguém achou importante haver uns pequenos apontamentos de início de capítulo, passaram sempre por eles sem se deterem. E isto? - perguntei indicando alguns desses apontamentos, *é uma cor*, foi dito por uma das crianças com um encolher de ombros.

Não há dúvida que o trabalho de ilustração de Manuela Bacelar para a infância é um caso de sucesso. Não porque tenha introduzido algum novo de conceito de texto visual, não porque tenha desenvolvido qualquer técnica sofisticada ou relevante, não porque tenha tido rasgos de criatividade e inovação, mas sim, porque consegue comunicar com a vertente afectiva das crianças – a única que está verdadeiramente presente nas idades mais jovens -, sabe desenhar meninos e bichos, constrói castelos com pinceladas, pinta calças roxas nas meninas, põe flores nos campos e casas nas cidades, põe óculos nos senhores e roupa colorida nas “mães” dos meninos.

Um bom contador de histórias, não tem de ser um bom inventor de histórias, tem, fundamentalmente, de as saber interpretar para um público, tem de ter capacidades de um bom comunicador. A um bom ilustrador, e muito principalmente a quem trabalha para crianças, a maior parte das vezes não se pede que seja um criativo activo nem que seja um artista plástico exímio, embora estas facetas possam ser importantes para o público tipo b) - os adultos culturalmente informados. Para o público tipo a), os adultos culturalmente frágeis, pede-se que seja exuberante, vistoso e verista, pois este público é uma versão mais exigente, mas muito parecida, do público c) - as crianças, com a faceta afectiva muito mais desenvolvida que a estética. No fundo, um bom ilustrador só tem de ter, sempre, os seus dotes voltados para uma comunicação específica, a comunicação visual necessária para o público a quem se dirige. Um ilustrador de literatura para a infância, tem de passar o crivo dos públicos a) e/ou b), mas tem de ser, também, reconhecido e aceite pelo público c). Claro que é muito importante que os livros de literatura para a infância, ilustrados, tenham uma boa qualidade estética, não tanto para que as crianças aprendam a reconhecê-la, mas sim, e principalmente, para que os adultos tipo a) se vão familiarizando com ela. Se os padrões estéticos dos pais são débeis, são pouco consistentes, serão assim os das crianças, enquanto crianças, por mais imagens esteticamente perfeitas que lhes mostrem e/ou ponham à sua disposição. É em casa, através da família e do seu quotidiano, mais do que em qualquer outro sítio, que se criam e se aprendem as regras estéticas a que cada criança vai aderir. Se porventura me tivesse passado pela cabeça duvidar desta verdade indiscutível, lá estava a Maria para mo fazer lembrar: *não gosto deste, porque tem coisas erradas ..., é as cores, estão erradas, esta aqui e esta aqui.*

Livros ilustrados por Manuela Bacelar, que foram consultados:

- s/d, Losa, I. (selecção) – *Histórias inesquecíveis para crianças*. Edição Livros do Brasil
1979, Torrado, A. - *História com Grilo dentro*. Edições Afrontamento
1980, Soares, L. D. – *História das Cinco Vogais*. Edições Afrontamento
1983, Magalhães, A. – *O menino chamada Menino*. Edições Asa
1984, Losa, I. – *Silka*. Livros Horizonte
1984, Osório, R. S. – *A Lua Prometida*. Edições Afrontamento
1986, Magalhães, A. – *O Reino Perdido*. Edições Asa
1986, Pina, M. A. – *Os Piratas*. Areal Editores
1987, Bessa-Luís, A. – *Contos Amarantinos*. Edições Asa
1987, Losa, I. – *Ora ouve*. Edições Asa
1989, Losa, I. – *Silka*. Edições Afrontamento
1990, Balté, T. – *O País Azul*. Porto Editora
1991, Bacelar, M. – *Tobias e as máquinas de Leonardo*. Porto Editora
1992, Figueiredo, V. – *Fala Bicho*. Edições Asa
1992, Torrado, A. – *O pajem não se cala*. Civilização
1993, Dacosta, L. – *Lá vai uma... Lá vão duas...* Civilização
1993, Letria, A. – *António e o Príncipezinho*. Desabrochar
1994, Araújo, M. R. – *As Fadas Verdes*. Civilização
1994, Soares, L. D. – *Os ovos misteriosos*. Edições Afrontamento
1994, Torrado, A. – *O Veado Florido*. Civilização
1995, Andersen H. C. – *A Sereiazinha*. Edições Afrontamento
1997, Andrade, E. – *História da Égua Branca*. Edições Asa
1997, Jorge, L. N. e Gomes, M. J. (tradução) – *Três Contos de Perrault*. Campo das Letras
1998, Soares, M. L. – *A Borboleta Leta*. Edições Afrontamento
2000, Losa I. – *O Príncipe Nabo*. Edições Afrontamento
2002, Soares, L. D. – *O rapaz que vivia na televisão*. Edições Afrontamento

Eduarda Coquet
Dezembro de 2004*

* Publicado em SOLTA PALAVRA, boletim nº 6, Dezembro de 2004, da CRILIJ – centro de recursos e investigação sobre literatura para a infância e juventude – em Junho de 2005